

# TEATRO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Caroline Brunoni\*

Marilei Terezinha Dalvesco\*\*

## Resumo

O teatro, como as artes em geral, trabalha com a essência do ser humano; acredita-se que sua ampliação leva os seus envolvidos a um olhar para si mesmo. Assim, este estudo tem como eixo central uma pesquisa prática realizada em sala de aula, desenvolvida em escolas do município de Joaçaba, SC, envolvendo alunos da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e médio. O objetivo foi investigar como a expressão corporal possibilita aos educandos descobrirem a si mesmos e tem como elementos de pesquisa a ludicidade, a construção de cenas teatrais e a relação da expressão corporal com a realidade em seu entorno. O trabalho evidenciou o processo desenvolvido, respeitando a individualidade de cada educando, incentivando-os a manifestarem suas próprias opiniões, acreditando na sinceridade para a busca de uma identificação. As atividades possibilitaram às crianças a descoberta de uma identidade conectada à ludicidade e aos adolescentes refletirem sobre si mesmos, inclusos em suas expressões e nos ambientes que estão inseridos. Para isso, fez-se uso de jogos teatrais de expressão corporal, adaptando-os às necessidades de cada fase. Na educação infantil, os jogos foram desenvolvidos com uma proposta lúdica. No ensino fundamental, adequou-se a proposta de expressão corporal e de identidade ao conteúdo curricular da escola, o estudo das cores. No ensino médio, as atividades teatrais foram relacionadas aos temas individuais dos próprios alunos, inseridos na sociedade. Desse modo, a pesquisa tornou-se a mola propulsora para se refletir sobre o teatro-educação como possibilidade de se descobrir, por meio das atividades corporais, instigando os educandos a buscarem saber quem são eles, em que mundo vivem e qual o seu universo, ainda que efêmero.

Palavras-chave: Arte. Expressão corporal. Identidade. Teatro. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Teatro na Escola: uma questão de identidade*, como proposta pedagógica para o desenvolvimento humano dos alunos da educação básica, visou observar a relação que o teatro de expressão corporal faz com elementos de identificação, nas suas realidades cotidianas.

Um dos grandes desafios para o professor hodiernamente, na educação básica, é a sensibilização dos alunos diante dos conteúdos ministrados, sendo um obstáculo para o educador levar ao aluno um conhecimento que ele consiga relacionar ao seu dia a dia e que, ao mesmo tempo, seja um somatório significativo e consciente em sua vida.

Com base nesse desafio, destaca-se o estudo sobre o corpo vinculado ao universo infantil, correlatado por Hernández (2007), no qual foram desenvolvidas atividades de artes com crianças, relacionadas a reflexões sobre o corpo, o que culminou em uma conexão da arte com o universo infantil, conseguindo transformar preconceitos e levar a reflexões mais elaboradas a respeito de seus corpos e de suas próprias vidas.

Ainda sobre esse enfoque nos estudos sobre o trabalho teatral, Azevedo (2008) explica que o corpo em si jamais deverá ser o objeto de estudo. O que se trabalha é uma totalidade, que pensa, age, sente e que é pensada, sentida, agida no fenômeno da interpretação, expressada por meio do corpo, que vai além do que ele expressa visualmente, abrangendo a sua relação com o ambiente, seus sonhos, sua vida.

---

\* Graduada em Fisioterapia pela Universidade do Estado de Santa Catarina; Graduada em Licenciatura Artes Cênicas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; brunoni\_carol@hotmail.com

\*\* Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Especialista em Arteterapia, Educação e Saúde; Especialista em O Ensino da Arte Fundamentos Teóricos e Metodológicos pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Marechal Floriano, 677, apto 303, 89900-000, São Miguel do Oeste, SC; merilei.dalvesco@unoesc.edu.br

Assim, este trabalho busca responder ao seguinte questionamento: Quais são as contribuições das atividades artísticas na compreensão do eu e do seu entorno na escola de educação básica, no estabelecimento de bases sólidas para uma reflexão crítica acerca da própria vida e da sociedade em que esses seres humanos habitam?

A pesquisa foi fundamentada nos Parâmetros Curriculares de Arte (BRASIL, 1996), que apontam como objetivos: conhecer e cuidar do próprio corpo; desenvolver o conhecimento de si mesmo; perceber-se integrante do ambiente e utilizar diferentes linguagens para expressar ideias.

O teatro pode ser um instrumento valioso na concretização dos objetivos apontados anteriormente, uma vez que, conforme Cartaxo (2001), conduz o homem no contexto de sua história, pois trabalha cargas emocionais que se expressam corporalmente nas diversas situações da vida, trazendo uma compreensão de si e do outro, sendo uma linguagem que educa e sensibiliza, podendo formar seres humanos e contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente de si mesma. Considerando esse pensamento e acreditando que a base da formação é a educação, que tem a capacidade de transformar pessoas, propôs-se desenvolver atividades de expressão corporal como uma possibilidade de ensino na educação básica para gerar uma identidade nesses alunos, pois se acredita que é preciso se conhecer para se transformar.

## 2 DIÁLOGOS SOBRE A ARTE E EDUCAÇÃO

Ao se estudar a história da humanidade, pode-se perceber que desde o princípio há um toque de arte, como nos desenhos das rochas e nos rituais às divindades, nos quais eram utilizadas músicas e representações. Hoje observa-se que, no âmbito escolar, muitos profissionais de diversas disciplinas se utilizam das artes para serem compreendidos, seja por meio de um desenho, teatro, maquete, músicas ou filmes.

Indo ao encontro desse pensamento, Buoro (2003) afirma que a arte é parte do movimento de transformação do homem mediante o espaço e o tempo. É um grande instrumento para desenvolver a consciência, pois propicia o “estar consigo mesmo” e também com o universo, sendo uma forma de entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. Quando o ser humano representa seu meio, amplia seu saber; a vida passa a fazer sentido, pois sente-se organizando seu mundo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), no que se refere ao ensino das artes, afirmam que o conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo com dimensão poética, pois por meio da arte as experiências estão sempre em transformação, estimulando a flexibilidade. Isso também é reafirmado por Silveira (2006) que salienta que a arte, enquanto área de conhecimento, assume o compromisso pelo desenvolvimento das funções estéticas do indivíduo, cabendo à ela oportunizar experiências expressivas, estimulando relacionamentos humanos mais harmônicos e conscientes.

### 2.1 O TEATRO E AS PESSOAS

Estudando sobre a origem do fazer teatral, os estudos de Berthold (2006) afirmam que o teatro passou a existir conjuntamente com a existência da humanidade, de modo que assumir outra personalidade é uma das formas primordiais de expressão humana.

Sobre a relação de o surgimento do teatro ser tão similar ao surgimento e à evolução do próprio homem, Ortega y Gasset (2007) explicam que tanto o teatro quanto o homem são muitas “coisas” diferentes, que nascem, transformam-se e morrem. Mas reflete-se diante das inúmeras possibilidades de fazer teatro e ser homem, ainda que exista uma estrutura chamada homem e outra, ou a sua continuidade, chamada teatro.

Essa reflexão feita pelo autor leva a perceber que o teatro é inerente ao homem e que, como ele se transforma no decorrer dos tempos, logicamente, a manifestação teatral também o acompanha.

No que se refere ao decorrer da história do homem de forma individual, nos seus primeiros anos escolares, Reverbel (2007) sabiamente ensina que toda a criança aprende atuando; assim, é imprescindível que o professor lhe

ofereça condições de atuação, com ampla liberdade e respeito. Nesse sentido, o ensino do teatro na escola, por meio de suas técnicas, possibilita à criança descobrir gradualmente a si própria e o mundo que a rodeia.

Na visão de Barbosa e Carmona (2004), o teatro na escola se diferencia das outras disciplinas porque sugere exercícios práticos que introduzem o aprendiz em uma experiência significativa para ele, da qual pode tirar suas próprias conclusões e elaborar ferramentas para criar.

## 2.2 A ARTE COMO COMPREENSÃO DA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO DO SER SENSÍVEL

A compreensão da realidade demanda que se recorra a todos os recursos que a civilização oferece. A arte e os mitos contribuem para essa compreensão quando aliados à ciência, à técnica e à filosofia, em um processo pedagógico.

Bauman (2007) afirma que, congênito ao processo de formar uma ideia coerente da comunidade, há a ânsia de evitar a participação real; sentir vínculos comuns sem uma real participação, em primeiro lugar, porque os indivíduos têm medo da participação, medo da dor que possam vir a sentir. As pessoas se refugiam em uma sociedade de mesmices, como uma proteção, o que se torna um equívoco, pois ela não as protege de seus medos, pode agir no máximo, como um paliativo que as ilude.

Relacionando esse pensamento às artes, especificamente, Almeida (2009) afirma que o contato com as artes possibilita o entendimento de que são muitos os meios pelos quais o homem pode conhecer e interpretar o mundo.

Ainda sobre as artes e sobre a percepção da realidade, Carvalho (2010) defende que a arte reconhece e cria a realidade social, sendo por meio dela que as pessoas conhecem e reconhecem a realidade e, ao mesmo tempo, recriam a si mesmas como indivíduos. A arte tem a função de conhecer a realidade humana como maneira de descobri-la na sua autenticidade.

## 3 LINGUAGEM CORPORAL NA EXPRESSÃO DA IDENTIDADE

No âmbito educacional, o ensino das artes apresenta-se como uma área de conhecimento, podendo ser um meio de entrosamento e fruição com o mundo, um instrumento para fazer a ponte com a sensibilidade; ela almeja a constante construção de um ser humano em harmonia com seu universo, desde que esse indivíduo saiba qual é a sua natureza, o que é compatível com seus desejos e necessidades, ainda que sejam efêmeros e substituíveis, em um mundo de mudanças constantes.

A pesquisa contemplou 53 alunos da Educação Básica. Este projeto possibilitou aos alunos expressarem e descobrirem seus posicionamentos e opiniões por meio da linguagem corporal e da reflexão sobre si, possibilitando o caminho para uma identidade.

### 3.1 A IDENTIDADE LÚDICA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante a aplicação do projeto de pesquisa na educação infantil, pôde-se constatar que, ao construir uma personagem, interagir como tal, e desconstruí-la diante dos alunos, a sua crença no lúdico continuou inabalável. Eles continuaram acreditando na existência da personagem, sem, em momento algum, relacioná-la a algo que não existe, em uma postura de quem acredita, relaciona-se e não questiona o que vive e sente.

Nesse contexto, Barbosa e Carmona (2004) afirmam que a criança tem uma imaginação absoluta, na qual não há espaço para travas. Na infância, a criança usa a imaginação para transformar tudo, desestruturar a realidade e reestruturá-la de outras maneiras, livres para se expressar. A proposta caracterizou a personagem Lica (uma boneca) diante das crianças, com o intuito de entrar no universo infantil, propondo o lúdico, a fantasia e a imaginação como parte do fazer teatro para a infância. O que se percebeu foi o fortalecimento dos vínculos com a ludicidade nos alunos.

A partir do momento que a personagem propunha atividades de jogos corporais para as crianças, elas queriam fazê-las todas ao mesmo tempo, sem consciência de regras ou ordem de participação. Utilizaram-se, também,

dramatizações, nas quais a professora contava a estória e as crianças a viviam, sendo exatamente este o termo, viveram as estórias propostas.

Acerca das peculiaridades da infância, é discorrido por Moraes (2003) que a mente da criança, qualitativamente, difere da mente adulta, tendo características próprias; essas diferenças entre as gerações também ocorrem em razão dos diferentes estímulos que cada uma recebe. A partir dessa filosofia, a criança deve ser vista de outra forma, com respeito à sua atividade pessoal, aos seus interesses e necessidades, oferecendo o jogo teatral como um instrumento lúdico de educação, pois por meio do ensino teatral, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia.

### 3.2 A SIMBOLOGIA DAS CORES CONTRIBUINDO PARA O PENSAR SOBRE SI NO ENSINO FUNDAMENTAL

A proposta inicial para o ensino fundamental, a expressão corporal no reconhecimento de sua identidade, foi enriquecida pelo conteúdo curricular da escola, o qual propunha a simbologia das cores nas expressões artísticas, possibilitando à pesquisa maior densidade, porque, conforme Farina (1975), se for olhar o mundo ao redor, se estará vivendo em um cromatismo intenso.

#### 3.2.1 Identificação com as expressões culturais

Os estudantes realizaram uma pesquisa sobre as cores em determinadas culturas, aquelas com as quais tinham alguma identificação. Foi proposto aos alunos que, com base nas pesquisas feitas, se dividissem em grupos e escolhessem uma cor e seu significado para representar uma das culturas pesquisadas por meio de uma cena de expressão corporal, na qual não houvesse qualquer vestimenta da cor em questão, apenas as expressões que remetessem à cor.

Sobre a cor como representação de uma cultura, Farina (1975) afirma que ela tornou-se uma força que deixa, muitas vezes, as intenções humanas ativas e realizáveis, pois a cor é uma linguagem individual e o homem reage à ela de acordo com as suas influências culturais.

Os grupos fizeram as seguintes representações: a cor preta (funeral ocidental), a cor branca (a capoeira), a cor vermelha (pinturas corporais indígenas) e a cor verde (o chimarrão). Após cada apresentação, os alunos-plateia expuseram o que entenderam dentro do que foi apresentado, sendo-lhes perguntado: “Que cultura foi encenada?”, “Qual a sua cor símbolo?”

A complexidade dos reflexos culturais por meio das cores é muito bem explicada por Guimarães (2000) ao afirmar que ela está presente em várias manifestações, em atividades cotidianas, fazendo da cor um tema propício para a manifestação de todos.

#### 3.2.2 Representação do universo particular dos alunos por meio da simbologia de uma cor, o vermelho

Baseando-se na obra de Cildo Meirelles, *Desvio para o vermelho*, foi proposto aos alunos que montassem uma instalação e desenvolvessem uma *performance* dela; tal montagem deveria ser em monocromia, em vermelho, na qual os educandos representariam comotraduzem essa cor no seu dia a dia.

Segundo Guimarães (2000), todo o percurso histórico para a simbologia da cor vermelha, sua força por vincular-se à cultura cristã (o sangue de Cristo), dependendo de seu tom, reflete o calor e o brilho do sol. A medicina é representada pela cruz vermelha; o amor é simbolizado por um coração vermelho. Por outro lado, representa pecado, paixão e erotismo, interdição, proibição e até punição, considerada, desde a idade média, a cor do crime e do pecado. Nos semáforos, indica perigo (pare), no futebol, falta grave. Enfim, o vermelho é intenso, tanto negativa quanto positivamente.

Na instalação de Cildo Meirelles, o artista usa o vermelho para a representação dos anos de ditadura, da proibição, da imposição, da tortura. Mas, como visto, a simbologia do vermelho é ampla no decorrer da história e permite outras possibilidades.

Assim, o primeiro grupo representou a família e a força materna. O segundo grupo representou a comida, a alimentação e a família. O terceiro grupo representou o dinheiro, a riqueza. O quarto grupo representou a criminalidade. Ao final, foram socializadas as opiniões dos alunos sobre suas apresentações e de seus colegas.

Os grupos representaram o que o estudo de Guimarães (2000) coloca como simbologia do vermelho ao longo da história da humanidade: o amor materno, o poder da máfia e sua criminalidade, tão análogo à própria instalação, “desvios para o vermelho”, o poder que o dinheiro pode ter para transformar a vida de uma pessoa, a manutenção da vida por meio da alimentação.

Ainda conforme Almeida (2009), as artes fornecem um dos mais fortes sistemas simbólicos das culturas, auxiliando o indivíduo a criar formas únicas de pensamento, pois aprendem muito além da pretensão do educador, extrapolam o previsível. Na pesquisa, uniu-se duas simbologias, a arte e a cor vermelha; o sentimento de identidade ao trabalho gerou maior vínculo e ficou mais verdadeiro em razão de que esses alunos puderam criar um trabalho propondo seus próprios significados.

### 3.3 RELAÇÃO DO CORPO, DA ARTE E DA REALIDADE: ENSINO MÉDIO

A proposta inicial para o Ensino Médio era desenvolver atividades de expressão corporal que proporcionassem um “estar consigo mesmo” e uma empatia com o seu ambiente; mas, ao ter que relacionar-se com o conteúdo escolar: arte Românica, Gótica, Renascentista e Barroca, optou-se por vincular pontos comuns desses períodos com a atualidade, resultando em elementos de expressão corporal mais sutis e objetivos.

#### 3.3.1 A manipulação no jogo teatral e na realidade

Para esse tema, desenvolveu-se conteúdos que retratavam a manipulação direta e a coerção que as pessoas sofreram ao longo dos tempos, seguindo modelos sem questionar. Após uma reflexão sobre traços desses tempos nos dias atuais, os alunos desenvolveram dois jogos teatrais de Augusto Boal (2008), Espelho e Hipnotismo colombiano. No primeiro, em dupla, uma pessoa simula, precisamente, ser o espelho da outra; no segundo, também em duplas, uma pessoa manipula a outra como se esta estivesse presa à sua palma da mão.

Diante das propostas, a maioria dos alunos participou de maneira divertida, com exceção do M. F., que não demonstrou interesse pelos exercícios, contaminando seus companheiros e, como houve o cuidado em fazer os dois exercícios com duplas diferentes, os indivíduos que interagiam com esse educando, desmotivavam-se também.

Tem-se como base e concorda-se com Almeida (2009) quando diz que na escola, o teatro tem como objetivo proporcionar ao aluno a vivência da linguagem artística, para que possa conhecê-la e integrá-la ao seu contexto cultural.

Assim, também não é possível que seja uma linguagem a ser imposta, mas que respeite as opções de cada indivíduo. Então o aluno M. F. não foi coagido a fazer os exercícios, mas estimulado a apreciá-lo, sem êxito, pois ele estava manifestando a sua falta de afinidade com a proposta ou, como coloca Reverbel (1989), os alunos que apresentam bloqueios de expressão gestual ou verbal, pode considerar-se que, à medida que eles conhecem a si mesmos e ao outro, eles conscientizam-se do seu próprio corpo, de si mesmos. Mas querer conhecer-se ainda é uma opção do aluno.

Depois dos jogos, os alunos falaram sobre as suas dificuldades: acompanhar o ritmo do colega, atingir a perfeição, olhar nos olhos, ampliar a atenção para o que está fora de foco, vergonha, tendo outra percepção sobre si e o outro.

Investigando a relação psíquica do adolescente com seu próprio corpo, Dias (2000) afirma que a adolescência é um momento da existência em que o sujeito experimenta pela primeira vez um sentimento de estranheza em relação ao seu corpo. Esse mal-estar com o corpo é decorrente da perda da imagem narcísica infantil que revestia o corpo, ao lado da onipotência infantil ainda não superada.

Uma reflexão sobre o conhecimento do corpo e seus direcionamentos é realizada por Foucault (1979). Ele afirma que há anos defende a ideia de que o controle da sociedade sobre os indivíduos começa no corpo. Segundo ele, foi no biológico, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista, porque o surgimento do corpo enquanto objeto científico é expoente das implicações do capitalismo de como nos vemos e como somos vistos. Muitas vezes, esses jovens são totalmente influenciados por campanhas publicitárias que defendem certas posturas para determinados capitais de consumo, não tendo tempo para refletir, mas, na maior parte do tempo, apenas absorvendo informações e tentando reproduzi-las.

Essas duas reflexões nos trazem a constatação de que esses jovens ainda estão se identificando e se apropriando de seu corpo, mas apesar do desconforto e estranhamento, o ambiente ao seu redor os induz a reproduzir estilos, e não a refletir/pensar sobre si mesmos. Por isso, uma prática que traz a essas pessoas um conceito que as instrui a pensar, refletir, olhar-se, enfrenta muitas resistências e até uma urgência por parte desses educandos para a sua finalização.

### **3.3.2 Representação ilusória de um ato comum (o que o corpo transmite e o que ele quer transmitir)**

Ao estudar a escola artística Barroca, seu intuito manipulador, como opção de estratégia e fazendo uma correlação sobre como somos manipulados atualmente, como também respeitando as dificuldades dos alunos adolescentes, discutidas no item anterior, optou-se por expressões sutis. Então, propôs-se que, um a um, dramatizassem o simples ato de sentar, transformando isso em algo maior do que realmente é, trazendo elementos que fizessem com que as pessoas olhassem para tudo, menos para o que realmente estava acontecendo: uma pessoa sentando em uma cadeira.

No início, os alunos simplesmente levantavam, faziam um gesto corporal de erguer os ombros e expor as palmas das mãos, e sentavam novamente, sem ao menos tentar. Então, foi dado um exemplo prático, no qual, ao sentar, representava que havia algo pontiagudo na cadeira, simulando um ferimento. Os alunos foram se soltando à sua maneira, uns davam a volta na carteira e sentavam, outros levantavam e sentavam em outra cadeira, outros faziam de conta que iam sentar, não sentavam e acabavam sentando; tudo muito discreto, sem revelar sentimentos ou intenções, preocupando-se puramente com o ato e não com o que estavam pensando. Parecia que não tinham consciência alguma de si. Ficava claro que queriam fazer algo, achavam que estavam fazendo, mas de fato, não o faziam.

Sobre essa incoerência entre o que se quer dizer e o que se transmite realmente, Meira (2010) contribui ao dizer que falar que o corpo é capaz de arte é mostrá-lo como um todo e trazê-lo à pureza de suas afecções. Então, os movimentos, que parecem não significar nada, pertencem a uma linguagem de sentido, porque são movimentos do próprio sentido, colocando-o diretamente na existência.

Esses alunos, então, ao se expor diante dos colegas, de forma isolada, sem resistências, mas com dificuldade de expressar corporalmente o planejamento de sua mente, já estão tomando consciência de si, identificando-se com o seu corpo, permitindo essa identificação. A prática, portanto, pode proporcionar a esses adolescentes a percepção dos seus limites, como de suas potencialidades, situando sua identidade momentânea e possibilitando que ela se transforme.

## **4 CONCLUSÃO**

A prática da pesquisa foi uma oportunidade em que se buscou inserir aspectos teóricos e práticos, aliados a ideologias próprias no que tange à educação. Foi um momento de conversa entre teoria, prática e reflexões, para que fosse viável alcançar argumentos para a construção do saber nas artes cênicas e, principalmente, visualizar a necessidade de assumir uma postura reflexiva da prática educativa diante da realidade do educador, bem como de cada educando.

Foram percebidos três diferentes tipos de reações diante das propostas teatrais, nas quais havia percepções de mundo diferentes, o que por si só já nos apontava um caminho de identificação, principalmente no Ensino Médio, pois houve maior dificuldade de expressão e aceitação da proposta. Conseqüentemente, esses educandos assumiram uma postura de identidade ao se colocarem como não confortáveis ao fazer as atividades teatrais.

Ao cumprir a exigência da escola de seguir o conteúdo a ser trabalhado na disciplina de Arte, e em decorrência disso, ter que se adaptar à proposta e adequá-la com conteúdos antes não pensados, houve a oportunidade de visualizar que os trabalhos com teatro são amplos, podendo ir muito além de nossa base de jogos teatrais, principalmente quando há o interesse de que o aluno reflita sobre quem ele é.

A pesquisa permitiu possibilitar ações concretas; os resultados foram além das inquietações iniciais, pois, independente da afinidade do educando com a expressão corporal e o ato teatral, o teatro na escola consegue fazer um elo entre os conteúdos e a vida cotidiana, possibilitando aos indivíduos se situarem neste mundo, nos seus mundos. Acredita-se, ainda, que esta pesquisa poderá ser premissa para muitos trabalhos que venham a abraçar essa área que é fundamental e essencial no teatro, a identidade, em um momento mundial de tantas crises acerca da própria existência.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. de C. Concepções e práticas artísticas nas escolas. In: FERREIRA, S. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papyrus, 2009.
- AZEVEDO, S. M. de. **O papel do corpo no corpo do ator**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Z. A.; CARMONA, D. **Teatro: atuando, dirigindo, ensinando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília, DF, 1996. 81 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, DF, 1998. 71 p.
- BUORO, A. B. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARTAXO, C. **O ensino das Artes Cênicas na escola fundamental e média**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.
- CARVALHO, C. Da relação com o saber em arte. In: PINO, A.; SCHLINDWEIN, L. M.; NEITZEL, A. de A. **Cultura, escola e educação criadora**. Curitiba: CRV, 2010.
- DIAS, S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico da adolescência. **PSICOL. USP**, v. 11, n. 1, p. 119-135, 2000.
- FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em publicidade**. São Paulo: Edgar Blüicher, 1975.
- FOCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUIMARÃES, L. **A cor como informação, a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MEIRA, M. R. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MORAES, J. S. de. Alguns aspectos acerca da relação do teatro com a construção do ator-indivíduo. **Livro de memórias**. Joinville: Ed. Univille, 2003.

ORTEGA Y GASSET, J. **A ideia do teatro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

REVERBEL, O. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

\_\_\_\_\_. **Um caminho do teatro na escola**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

SILVEIRA, L. M. **Introdução à teoria da cor**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2011.